Em debate, o papel da universidade

O professor Simon Schwartzman, do Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro e do Centro de Pesquisas e Documentação em História Contemporânea da Fundação Getúlio Vargas, ao defender ontem tese sobre "Universidade, Ideologia e Poder" no Seminário Internacional de Filosofia Política, demonstrou que a universidade sempre lutou pela sua autonomia, mesmo na Idade Média e, depois, na época renascentista e também atualmente. Ele afirmou ser contra uma "universidade bem-comportada".

Para Schwartzman, "a vitalidade da universidade como núcleo gerador de novas idéias, conhecimentos e valores tem estado e deve estar intimamente relacionada com a sua integração relativamente débil com o resto da sociedade e, particularmente, com as fontes mais tradicionais de liderança e dominação econômica, política e religiosa. A Universidade bem-comportada, que funcionasse de maneira integrada e sem tensões com outros setores da sociedade, seria quase certamente uma Universidade burocratizada, desmotivada, sem vida e, em última análise, sem relevância".

Ainda segundo o professor da Fundação Getúlio Vargas, "é importante que nesse processo de competição com outros setores da sociedade, a Universidade não termine vitoriosa e, assim, perca, sem sentir, sua identidade própria. É próprio da universidade não ser a fonte do conhecimento sagrado, nem do poder econômico, nem do poder político, ela deixa de ser universidade quando se transforma em igreja, empresa ou partido. Encontrar seu espaço próprio, não se submeter nem se descaracterizar é a chave para a sua permanência e sua relevância".

CONTRADIÇÕES

Continuando sua explanação, Schwartzman afirmou que "os sistemas educacionais modernos têm em si o germe da Universidade Clássica, mas também muitas outras coisas que pouco têm a ver com ela. Por isso mesmo, eles são necessariamente instáveis e submetidos a um processo constante de disputa e competição internas. Esta é uma situação inevitável, que não pode ser corrigida sem que algumas das funções importantes que os sistemas universitários modernos desempenham sejam sacrificadas. O importante, aqui, é aprendermos a viver com a variedade, a diferenciação, as contradições de objetivos e princípios que são inerentes a sistemas sociais de tanta complexidade".

No entender do professor da Fundação Getúlio Vargas, "a sina da Universidade, se podemos utilizar essa figura, é estar sempre descontente com suas limitações, sem perder, no entanto, jamais sua identidade, forjada na evolução das sociedades modernas nos últimos séculos. Na medida em que ela possa manter-se fiel a esta sina, será ainda, por muito tempo, um fator de perturbação, discussão, eventualmente conflito — e também esperança para um mundo melhor".

FORÇA DAS IDÉIAS

O professor Newton Sucupira, da Universidade Federal do Rio de Janeiro e do Conselho Federal de Educação, concordou com a tese de Schwartzman e acrescentou que, "institucionalizadora do pensamento racional desde o século XIII, a Universidade sempre viveu em tensão contínua com os poderes constituídos". Ainda segundo Sucupira, a Universidade surgiu primeiro que o Estado Moderno, isto é, com a forma tomada pelo Estado no mundo ocidental. Assim, no século XIII, antes do Estado Moderno, a Universidade viveu seu "esplendor".

Passados os séculos, como lembrou o membro do Conselho Federal de Educação, em poucos momentos da História a Universidade se identificou com o poder dominante. Para Sucupira, "ela não deve ter poder e sim autoridade, no sentido profundo da palavra".

Outro dos debatedores, professor Sérgio Fernandes, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, disse que na Universidade "a opção é força das idéias contra o poder da força". Fernandes disse também que "a Universidade não deve reivindicar o poder, mas a liberdade de crítica".

DISCURSOS POLÍTICOS

A professora Vera Lúcia Caldas Vidal, da PUC e Universidade Federal do Rio de Janeiro, leu trabalho sobre a "Linguagem como Estrutura Condicionadora dos Discursos Políticos". Ela afirmou que, "reconhecendo a impossibilidade de que todo discurso tem de ser neutro, é preciso que cada um tenha consciência dos seus pressupostos e comprometimentos, pois suas afirmações são verdadeiras ou falsas sempre em relação a uma certa teoria".

Segundo a professora Vera Vidal, "ao aplicar o método analista aos discursos políticos, poderemos denunciar aqueles que são nitidamente ideológicos, onde os papéis dos falantes são manipulados de modo deformador, de acordo com os interesses de grupos dominantes. Quanto às divergências quanto aos discursos não-ideológicos, caberá à comunicade decidir pela forma de ação que mais se adapte à sua visão do mundo, que melhor atenda aos interesses de tal comunidade. Em meio às divergências das visões de mundos singulares, sempre haverá pontos de referência objetivos, que possilitam um consenso intersubjetivo".

Numa síntese de sua conferência, a professora da PUC-RJ explicou que, "assumindo que o discurso ideológico sofre a ação limitada do horizonte linguístico, o que pode gerar sua manipulação ideológica, parece que o método da filosofia analítica oferece interessante abordagem de tais discursos".

"Segundo tais investigações — continuou a professora — seria possível denunciar as infiltrações ideológicas e desvelar os comprometimentos assumidos pelos filósofos políticos. Esta análise também não é neutra, mas, pelo menos, é consciente dos usos que faz da linguagem e dos pressupostos que assume". Para Vera Vidal, "a repercussão de tais estudos no campo da ação seria o adotar de uma postura não-dogmática, aberta ao diálogo, cujo critério de validade seria estabelecido por um consenso da comunidade, após denúncia das manipulações ideológicas".